

Capítulo 6 - Escrevendo e reescrevendo o holocausto: a memória ferida

Victor Klemperer e atualidade de sua ‘LTI’: ‘Lingua Tertii Imperii’

Miriam Bettina Oelsner

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OELSNER, MB. Victor Klemperer e atualidade de sua ‘LTI’: ‘Lingua Tertii Imperii’. In LEWIN, H., coord. *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 605-615. ISBN: 978-85-7982-016-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Victor Klemperer e atualidade de sua ‘LTI’: ‘Lingua Tertii Imperii’

Miriam Bettina Oelsner

“Se o Führer tivesse alcançado o almejado extermínio de todos os judeus, teria ele tido então de inventar outros.”

Victor Klemperer.

“Quem não conhece o judeu, não conhece o diabo”

Der Stürmer

Introdução

O legado de Victor Klemperer é a análise da linguagem do Terceiro Reich realizada durante a Segunda Guerra Mundial, estando na Alemanha denominada ‘UI’ – ‘Lingua Tertii Imperii’, sigla em latim para não ser entendida pelos policiais da Gestapo e também para parodiar as inúmeras siglas criadas por Goebbels, Ministro de Propaganda do regime nazista. No dizer do historiador berlinense Leopold von Ranke, Klemperer narra a história como ela realmente aconteceu, como observador presente aos fatos. Foi escrita *in loco*, entre 1933 e 1945.

O que vem a ser a ‘LTI’?

Segundo a Enciclopédia *Brockhaus*, edição de 1995, é “a obra mais importante de Victor Klemperer. Essas ‘Anotações de um Filólogo’ esclarecem as estruturas mentais fascistas por meio de observação e análise da linguagem”.

Na outorga póstuma do prêmio de literatura alemã *Geschwister Scholl*¹ para a obra de Victor Klemperer em 1995, o escritor e crítico literário Martin Walser comenta: “Seria apropriado preocupar-se com que Klemperer estivesse presente em toda parte e se tornasse uma importante fonte de informação sobre aquela época da história alemã. Não conheço

¹ Hans e Sophie Scholl, militantes antinazistas do grupo “Die Weisse Rose”, guilhotinados pela polícia do regime em 1943.

forma de comunicação mais clara e verdadeira, do que a prosa de Victor Klemperer”.

Dados biográficos

Inicialmente, convém conhecer a biografia do autor, nascido em 1881, em Landsberg, na Prússia de então, hoje Polônia e falecido em Dresden em 1960. Era o nono e último filho de um casal de judeus tchecos, sendo seu pai segundo rabino da sinagoga reformista de Berlim. Catedrático de Filologia Românica na Universidade Técnica de Dresden a partir de 1920, Klemperer era um judeu assimilado, convertido à confissão luterana por conveniência, pois era agnóstico. Era casado com a pianista Eva Schlemmer, também luterana. Foi pego de surpresa pela discriminação inerente ao nazismo, que negou sua alemanidade² e o lembrou violentamente seu judaísmo.

Mesmo antes da guerra sua análise da literatura francesa do Século XVIII já merecera um verbete na Enciclopédia Brockhaus. Tanto Georg, o irmão mais velho, médico famoso, quanto seu primo, o maestro Otto Klemperer, também passaram a constar da Enciclopédia já em 1925, fruto da fama adquirida no exercício de suas profissões.

Mesmo segregado e humilhado, conseguiu sobreviver, empenhando-se em manter sua dignidade interior, anotando de forma quase obsessiva suas observações sobre a manipulação da linguagem, o pavor do sistema e o fanatismo no regime nazista. Buscou também entender as causas do povo alemão ter aderido ao nazismo. Ele se pergunta: “Seriam os nazistas o mesmo povo alemão de Goethe e de tantos outros pensadores alemães? Como as atrocidades eram possíveis? O que ocasionou essa mudança radical? Tantos antinazistas, que, no entanto eram antisemitas!”

Victor e Eva permaneceram na Alemanha durante o nazismo. Conseguiram sobreviver ao nacional-socialismo quase que milagrosamente, pois ele não foi enviado a nenhum campo de concentração. Em 1940, têm de deixar a casa construída em Dölzschchen, nos arredores de Dresden, para viverem em *Judenhäuser* (casas de judeus), ao todo três, até o bombardeio

² Termo empregado na tradução dos ‘Diários’, que não tem o significado de germanismo, como se poderia supor.

de Dresden, em 13 de fevereiro de 1945, que destruiu a cidade, que por outro lado libertou-o da perseguição da Gestapo. O casal Klemperer fugiu então de Dresden (idosos e a pé). Eva arranca-lhe a estrela amarela com a insígnia Jude, com a qual poderia ainda cair nas mãos da Gestapo. A permissão de manter em *Judenhäuser* cônjuges de casamentos mistos ia ser abolida no dia seguinte ao bombardeio de Dresden, e Klemperer seria enviado a um campo de concentração.³ Vistas essas circunstâncias, é lícito afirmar que Klemperer, sua mulher e os manuscritos da ‘LU’ sobreviveram por milagre.

A ‘LTI’ e sua contradição

A ‘LTI’ é um livro que nasce de uma situação controvertida. Não tendo emigrado da Alemanha, Victor Klemperer, linguista, anotou diariamente como se deu sua percepção de que a língua alemã vinha sendo manipulada pelo regime nacional-socialista e os efeitos dessa manipulação, na vida urbana em particular, tendo Dresden como pano de fundo.

Seu testemunho é considerado único, considerando-se que a respeito da vida concentracionária existem os testemunhos de Primo Levi, Elie Wiesel, Paul Celan, dentre outros. Em seus diários, Anne Frank, mesmo criança, também faz um relato sobre a vida em Amsterdam, até ser ‘buscada’ para o campo de concentração. E, Ruth Klüger,⁴ ainda mais jovem, escreve sobre a vida em Viena, também até ser ‘buscada’ para o campo de concentração, mas seu destino lhe permitiu sobreviver. Sobre os desmandos, o pavor noturno da busca para os campos de extermínio, o que aconteceu com a maior parte dos colegas, a cerimônia fúnebre quando da chegada de uma urna com cinzas, a hipocrisia referente à *causa mortis*, seu relato é único.

³ É sabido que, após a libertação de Auschwitz em 27 de janeiro de 1945 pelo exército russo, os alemães tentaram matar o maior número de judeus que tinham testemunhado o massacre nazista. Cf. Primo Levi – “É isto um homem?”; BERGAU, Martin, *Der Junge von der Bernsteinküste*. Heidelberg Verlaganstalt, Heidelberg, 1994; e, também o final do filme “A vida é bela” de Roberto Benigni, 1998.

⁴ In Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. São Paulo: Ed. 34, 2005, tradução Irene Aron.

Como escreve Renato Lessa⁵: “Klemperer é o que poderíamos denominar um intelectual permanente. Em seus piores momentos de infortúnio, a partir do desastre de 1933, o temor pela própria vida será invariavelmente acompanhado pelo horror diante do espectro da impossibilidade do pensamento. Esse exercício obsessivo da observação e da leitura e essa insaciabilidade cognitiva estão presentes em Klemperer na *persona* de cético *prazeroso*. Essa marca tem consequências decisivas em sua escrita”. O que explica a consistência documental da ‘LM’.

Permanência

Não emigrou por algumas razões, contrariamente aos dois terços dos judeus alemães, que fugiram do nazismo. Primeiramente, Klemperer não considerava que poderia ser atingido tão duramente pelas leis raciais de Nurenberg, de 1935, em vista de ser absolutamente assimilado à cultura alemã, não ser casado com mulher judia, ter a medalha da Primeira Guerra Mundial, mesmo que nessa data já perdesse sua Cátedra na Universidade Técnica de Dresden. Não sabia fazer nada que não fosse ensinar a Literatura Francesa, em especial ao século XVIII, e seus pensadores Montesquieu, Voltaire e Diderot, em língua alemã. Era-lhe inconcebível acreditar que perdesse sua alemanidade, e que tivesse de assumir o judaísmo, do qual conhecia pouco. Sua mulher, ‘ariana’ em linguagem nazista, sofria de depressão nervosa e não queria separar-se de sua casa, construída já no regime nazista. Ou seja, teria sido uma emigração muito difícil.

Ao optar por não emigrar, apesar dos insistentes convites de seu irmão Georg, que possuía recursos financeiros suficientes para bancar a emigração do casal, eles permaneceram. E, em contrapartida, Klemperer percebe que sua salvação, mesmo que só interior, provinha de sua escrita diária. Ela será sua ‘tábua de salvação’, *meine Balancierstang*, sua ‘vara do equilibrista’. Sua acuidade auditiva leva-o a captar a trama engendrada por Goebbels, que dominaria a nação alemã pela manipulação da linguagem. Ele percebe que, semanalmente, a linguagem vai passando por alterações, e percebe para onde essas alterações vão conduzir (por meio da fala semanal de Goebbels na rádio oficial e no jornal *Der Reich*). E, justamente,

⁵ Pensar a Shoáh, in “*Tribunal da História*”, org. Saul Fuks, Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará. 2005, p.237.

diariamente, libertava-se das atrocidades a que estava sujeito, anotando todos os fatos e as sensações exatamente como tinham ocorrido. Não deixava para o dia seguinte, quando elas estariam amainadas. Deixa claro que os fatos políticos seriam relatados pela imprensa, mesmo que essa também fosse totalmente manipulada. Mas o cotidiano teria de ser relatado para as gerações futuras, para que jamais voltassem a ocorrer. Hannah Arendt, em “*Eichmann em Jerusalém*” afirma que existem barreiras, que se supõe jamais serão rompidas. Como foi o caso de se aplicar a mais alta tecnologia para extirpar o povo judeu da face da terra, inclusive despendendo recursos de guerra, o que vem corroborar que a guerra engendrada por Hitler visava ao extermínio do povo judeu. Hitler conseguiu eliminar a maior parte dos judeus que não saíram da Europa. A História da Humanidade, portanto, passou por uma transformação inimaginável, comprometendo-nos a uma atitude de atenção constante. Esta barreira de fato foi rompida.⁶ Não surgiu do nada. Em seu livro “*O antissemitismo alemão*” Pierre Sorlin nos leva às Cruzadas em 1096, relatando a ocorrência de um extermínio de judeus em Frankfurt am Main.

Compromisso didático

Victor Klemperer escreve no primeiro capítulo de sua ‘LTI’: “Presto este testemunho, porque há uma tendência em jogo, afora a razão científica, eu persigo também um objetivo didático... prestarei testemunho, testemunho exato, seguirei escrevendo. Esse é o meu verdadeiro heroísmo”. Dresden, 27 de maio de 1942.

Trata-se de mais uma concretização da atitude judaica atávica em relação à História, em que se insere a questão ZAKHOR (lembra-te! em hebraico), título de um dos livros do historiador Yerushalmi, qual seja, registrar a todo custo o passado para conhecimento das gerações futuras e o quarto mandamento das Tábuas da Lei. Klemperer assume esse compromisso após duas prisões: – uma, pela Polícia de Dresden em que, apesar de uma semana detido (de 23 de junho a 1º de julho de 1941), ele reforça sua visão de que a polícia era mais branda (não eram nazistas por excelência) do que a Gestapo e, – outra, pela Gestapo, durante uma tarde (8 de janeiro de 1942). Nessa tarde, o comissário que o mantém detido procura

⁶ Citando palestra de Eduardo Brito no I Simpósio.

provar-lhe que Hitler está certo ao explicar ao povo alemão que a guerra pela qual estão passando é puramente ‘por defesa dos alemães contra o ataque do povo judeu’. Utiliza até mesmo o nome de um livro, então em voga “*Der Jüdischer Krieg*”, de Lion Feuchtwanger,⁷ que usara o título do homônimo de Flávio Josefo, “A guerra judaica”.

Nasce a LTI

Klemperer nascera de uma família culta e esclarecida. Desde rapaz estava fortemente envolvido com literatura e redigia um diário, hábito que nunca abandonou, até sua morte. Dentro dos ‘Diários’ do período nazista, justamente apega-se mais à sua escrita, e sente como uma redenção de, ao menos, se comunicar consigo mesmo pelos ‘Diários’. Às alterações do conteúdo linguístico dá o nome de ‘LTI’ para mais tarde, se viesse a sobreviver à tragédia, poder analisar suas anotações. Desta forma, a ‘LTI’ nasce dos ‘Diários’. Recupera-os em outubro de 1945, quando já em sua casa. Pondera uma oferta para publicar os ‘Diários’ e prefere redigir a ‘LTI’, pois os ‘Diários’ estariam invadindo a privacidade de muitos dos citados. Diferentemente dos ‘Diários’, a ‘LTI’ é escrita por temas, em que aprofunda uma variedade de questões, desde a excentricidade dos nomes nazistas à fé cega de partidários, inclusive de vários níveis de intelectualidade. Fica muito chocado com o comportamento de muitos catedráticos que aderem. Vários capítulos são dedicados às prováveis origens do nazismo, uma vez que o antissemitismo não era exclusividade alemã (o *affair* Dreyfus não estava distante). Superstições, questões que conduziram as mentes a acreditar no nazismo, até mesmo em opositores de Hitler. Um dos enfoques principais do livro é provar que a mola mestra do nazismo foi o ódio visceral contra o judeu, responsável pelo mal absoluto pelo qual a Alemanha passava. A absorção dessa ideia atingiu muitas pessoas.

⁷ Escritor, nasceu em Munique 7.7.1884 e faleceu nos EUA em 21.12.1958. Dentre suas principais obras constam “O judeu Suss” de 1925, afora “Trilogia sobre Flávio Josefo” de 1932/45. “A sala de espera” e uma trilogia sobre o período nazista “*Erfolg, Geschwister Oppenheim, Exil*” datada de 1934/39. Sua obra foi traduzida para mais de trinta idiomas. In *Lexikon des Judentums*, p.206. É autor do livro homônimo de Flávio Josefo, “*Der jüdische Krieg*” (A guerra judaica).

Klemperer detalha com forte sentimento de pesar a perda de seu ‘suposto filho adotivo’, pois este adota a postura da ultradireita nazista. Além de muitos outros professores, antigos colegas da Universidade de Dresden.

Em minha Dissertação preendi-me a muitas paráfrases esclarecedoras daquele momento da história da humanidade, como fatos aparentemente corriqueiros. Ao me debruçar sobre o tema encontrei livros de outros estudiosos da ‘LM Como é o caso do livro organizado pelo Prof. Hannes Heer de Hamburgo, pelo *Aufbau-Verlag*, 2ª edição, 1997, Berlim “*Im Herzen der Finsternis*” (Do Coração das Trevas). Os doze estudos utilizam-se, também, de paráfrases para estruturarem o pensamento de Klemperer, o cronista do período nacional-socialista.

Conclusão

Seria fácil concluir simplesmente com paráfrases que visam a esclarecer o que era a linguagem do Terceiro Reich, a ‘LTI’. Mas, além do interesse em contextualizá-la, bem como seu autor e a época retratada, convém prestar uma pequena explicação da razão de Klemperer ter redigido e publicado a ‘LTI’ no imediato pós-guerra, contrariamente aos ‘Diários’. Segundo seu autor, ele percebe, ainda em 1945, além da questão didática, antes abordada, ele quer que o testemunho se torne público, por meio de um livro elaborado, extraído dos diários. Mantém fidelidade absoluta. Rebelar-se contra conhecidos que desejavam carta de perdão para mostrar sua inocência durante a vigência do regime, que ele recusa, pois como ele diz: “Afinal quem foram todos os que compuseram a *Wehrmacht*, quem matou todos os que morreram...” E, no início de 1947 sai a ‘LTI’, livro absolutamente atual, que esmiúça as causas do antissemitismo alemão, o espírito de obediência, e porque o nazismo ocorreu na Alemanha.

Frases da ‘LTI’:

“Veneno, que bebes sem perceber, e que age sobre ti”.

“E quando a língua culta é composta por elementos venenosos ou quando ela é a portadora do veneno? Palavras podem ser como doses

minúsculas de arsênico: são ingeridas sem que se perceba, aparentam ser inócuas e passado um tempo o efeito do veneno aparece”.

Miriam Bettina Oelsner
Mestre em Literatura alemã e Doutoranda FFCH/USP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Ed.34, 2003.
- ALEOTTI, Luciano (org.). HITLER – o julgamento da história. São Paulo: Série Pró e Contra. Ed.Melhoramentos.1975 ARENDT, Hanna. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.
- BENTELHEIM, Bruno. *Sobrevivência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BENTELHEIM, Bruno. *Uma vida para seu filho*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1988.
- BERGAU, Martin. *Der Junge von der Bemsteinkuste*. Heidelberger Verlagsanstalt, 1994.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix/ EDUSP,1996.
- BRECHT, Berthold. *Terror e miséria no Terceiro Reich*. São Paulo: Departamento Artes Cênicas. Unicamp, Caldeiras Culturais, 2005.
- CALVESI, Maurizio. *Futurismus*. Munique: Schuler Verlagsgesellschaft, 1975.
- DE MARCO, Valéria. *A literatura de testemunho e a violência de Estado*. In: Lua nova nº 62-2004, p.45-68.
- DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha nazista*. São Paulo: ANNABLUME. 1996.
- DILTHEY, Withelm. *Teoria das concepções do mundo*. Lisboa: Edições 70,1992.

- FRANK, Anne. *O diário de uma jovem*. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora Mérito. 1958.
- FRIEDLÄNDER, Saul. *Memory, History and the Extermination of the Jews of Europe:1933-45*. Indiana University Press. 1993.
- FUKS, Saul (org.). *Tribunal da História*. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Centro de História e Cultura Judaica. 2005.
- GEHRS, Barbara. *Nie wieder em n Wort davon?* 16° ed. Munique: dtv junior. 1997.
- GIES, Miep e Alison Leslie Gold. *Anne Frank: O outro lado do diário*. São Paulo: Editora Best Seller, 1987.
- GOEBBELS, Joseph. *Diánailltimas anotações. 1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- GOLDHAGEN, Daniel J. *Os carrascos voluntários de Hitler*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- GUINSBURG, Jacob (org.). *Franz Rosenzweig*, in: *O Judeu e a Modernidade*. São Paulo:Ed.Perspectiva,1970
- GUINSBURG, Jacob (org.). *Tendências Dinâmicas no Pensamento e Sociedade Modernos*, in *Vida e Valores do Povo Judeu*. UNESCO.S. Paulo: Editora Perspectiva
- HEER, Hannes (hrg.). *Im Herzen der Finsternis. Victor Klemperer als Chronist der N.S.-Zeit*. 2.Auflage. Berlim: Aufbau Taschenbuchverlag, 1997.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1983.
- HOCHHUT, Rolf. *O Vigário*. São Paulo: Editora Grijalbo, 1965.
- LEHNARO, Alcir. *Nazismo “O triunfada vontade”*: São Paulo: Editora Ática, 1994.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- JACOBS, Peter. *“Victor Klemperer, Im Kern em n deutsches Geweichs. Eine Biographie”*. Berlim: Aufbau Taschenbuchverlag, 2000.
- JOSEFO, Flavio. *Guerra de los Judíos*. Barcelona: Ediciones Orbis, S.A.
- KINNE, M. & SCHWITALLA, J. *Sprache im Nationalsozialismus*. Band 9. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1994.
- KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- KLEMPERER, Victor. *Os Diários de Victor Klemperer*. Trad. Irene Aaron. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- KLEMPERER, Victor. *„So sitze ich denn zwischen allen Stahlen. Tagebucher 1945-1959”*. Berlim: Aufbau Taschenbuchverlag, 1999.
- KLEMPERER, Victor. *„Und so ist alies schwankend – Tagebucher Juni bis Dezember 1945”*. Berlim: Aufbau Taschenbuchverlag, 1997.
- KLEMPERER, Victor. *„Curriculara Vitae. Erinnerungen 1881- 1918”*. Berlim: Aufbau Taschenbuchverlag, 1996 MARKNER, R. E Birken-Bertsch, H. *Rechtschreibreform und Nationalsozialismus*. Göttingen: Wallstein -Verlag, 2000. MEIHY, José Sebe Bom. *História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MESSEDER PEREIRA, Carlos Alberto et alli. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- NESTROVSKI, A e Setigmann-Silva, M. orgs. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- PALMER, Alan. *Bismarck*. São Paulo: Editora UnB / Melhoramentos. 1983.
- PENNA, João Camillo. *Representara irrepresentável?* Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- POLIAKOV, Leon, *A Causalidade Diabólica I*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- POLIAKOV, Leon, *De Voltaire a Wagner*, São Paulo: Perspectiva, 1985.
- POLIAKOV, Leon. *De Cristo aos Judeus da Corte*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- POLIAKOV, Leon. *A Europa Suicida*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- POLIAKOV, Leon, *O Mito ariano*. São Pauto: Perspectiva, 1991.

- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- RICOEUR, Paul. *Outramente*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- ROMANO, Roberto. *O romantismo alemão*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- ROSENFELD, Anatol. *Mistificações Literárias: “Os Protocolos dos Sábios de Sião”*. São Paulo: Perspectiva, 1976. ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- SCHÖNBERNER, G. *A estrela amarela*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- SORLIN, Pierre. *O Anti-Semitismo Alemão*. São Paulo: Ed. Perspectiva.1974.
- TODOROV, Tzvetan e Ducrot, Oswald. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *Holocausto – Crime contra a humanidade*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- VALENTIN, Veit. *Deutsche Geschichte, Band I*. Köhln: Knaur, 1965.
- WIESEL, Elie. *A noite*. Trad. Irene Ernest Dias. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.